

A UTILIZAÇÃO DE JOGOS MATEMÁTICOS PARA CRIANÇAS COM TDAH

Luciana Maria de Souza Macêdo
Universidade Regional do Cariri – URCA
luc.macedo@yahoo.com.br

Bárbara Paula Bezerra Leite
Universidade Regional do Cariri – URCA
bclfbzerra@hotmail.com

Juscelândia Machado Vasconcelos
Universidade Regional do Cariri – URCA
juscelandia@yahoo.com.br

Resumo:

O trabalho se propôs a realizar uma investigação sobre o Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH), em sua forma hiperativa, e sobre como a utilização de jogos pode, através de sua dinâmica lúdica, criar uma metodologia docente diferenciada, centrada nas características específicas das crianças com este déficit, agindo como elemento facilitador da prática pedagógica no ensino de matemática. O resultado da pesquisa foi satisfatório, pois as crianças avançaram em vários pontos, bem como na concentração e nos cálculos mentais. Chegamos à conclusão, que realmente essas crianças possuem o tempo, o limite e a maneira certa de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Jogos; Matemática; Transtorno; Hiperatividade.

1. Introdução

A Educação Matemática tem como objeto de estudo, alunos, professores de matemática e as instituições onde os mesmos se encontram. Dentro dessa perspectiva observam-se as dificuldades de se ensinar matemática em pleno século XXI, em meio a tantos recursos tecnológicos, o ensino da matemática não consegue lograr êxito em questões simples e corriqueiras no desenvolvimento das competências e as habilidades necessárias para o ensino da mesma. O artigo visa mostrar alguns motivos pelos quais essas dificuldades ocorrem, como é o caso que iremos abordar. Nossos professores e escolas ainda não estão preparados para educar crianças hiperativas, incidindo negativamente sobre o aprendizado. Sabemos que para trabalhar com crianças hiperativas necessitamos do apoio de profissionais de outras áreas além da família. O propósito do nosso trabalho foi o de melhorar a concentração e a aprendizagem no tocante ao ensino da matemática, com a utilização de jogos, promovendo o máximo possível de adequação da didática dos profissionais a esse tipo de realidade.

2. O TDAH

O Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um transtorno de saúde mental que, apesar de desconhecido da grande maioria das pessoas, ocorre com incidência nada desprezível. Segundo Barkley (2002), estima-se que aproximadamente 7% das crianças em idade escolar têm o TDAH.

TDAH é, pois um transtorno mental caracterizado pela deficiência de auto-regulagem do indivíduo em relação às demandas do seu meio social, fazendo com que seja desatento, hiperativo, alheio ao planejamento de sua própria vida enquanto perspectiva de futuro.

É importante ressaltar, para evitar diagnósticos equivocados, que para uma pessoa ser considerada portadora do transtorno tem que desenvolver “a presença de sintomas em pelo menos dois ambientes diferentes” (ROHDE; BENCZIK, 1999, p.42): casa e escola, escola e meio social, casa e meio social, etc..

O TDAH apresenta comorbidade, ou seja, apresenta-se comumente associado a outros problemas emocionais e de dependência, como depressão, ansiedade, alcoolismo, dentre outros.

Mas qual a origem dessa disfunção mental? Em 90% dos casos, o transtorno tem procedência genético-hereditária. Como diz o psiquiatra Paulo Mattos,

quem examina uma criança com TDAH frequentemente reconhece a existência do mesmo transtorno, ou pelo menos alguns sintomas dele no pai ou na mãe. Muito frequentemente, quando elas são entrevistadas na presença dos pais, já identificamos alguns sinais neles próprios (em geral inquietude na cadeira, movimentação das mãos e dos pés, impulsividade para responder as perguntas antes de ouvi-las por completo, pegar coisas com as mãos e as manipular o tempo todo, etc.). Em outras ocasiões, quando o diagnóstico é feito e explicado aos pais, eles próprios percebem em si mesmo (ou então um percebe no outro). (MATTOS, 2003, p. 41-42)

Eis um exemplo bastante ilustrativo dessa constatação científica:

Marcelo é filho de Jorge e Isabel. Embora Jorge seja bem-sucedido na profissão, sempre teve dificuldades em organizar-se no trabalho. (...) Quase não consulta a agenda, com frequência esquece as reuniões marcadas. Tem dificuldades de ler os relatórios da empresa onde trabalha. (...) Já perdeu algumas possibilidades de bons negócios, pois toma muitas decisões rapidamente, antes de pensar. Na escola, tinha dificuldade de ficar sentado por um período inteiro. (...) Jorge acha Marcelo muito parecido com ele, quando era menor. Acredita que o filho irá superar as suas dificuldades com um tempo. Isabel tem medo de que as dificuldades do filho possam continuar atrapalhando-o em casa e na escola. (ROHDE; BENCZIK, 1999, p.39)

As outras causas atribuídas ao TDAH são a existência de problemas obstétricos (problemas de parto não relacionados a questões emocionais) e o uso de fumo ou álcool durante a gravidez. Embora mães grávidas portadoras de TDAH sejam mais propensas ao consumo de bebidas e cigarros (nesse caso, o transtorno é motivado pela carga genética e não pelo vício), o fato é que o uso dessas drogas e as complicações de parto parecem influir decisivamente no surgimento do transtorno em 10% dos casos estudados.

Elementos de desatenção, de hiperatividade e de impulsividade estão relacionados em todos que possuem o transtorno, porém se manifestam em níveis de associação distintos de pessoa para pessoa, ressaltando em três tipos de TDAH: o predominante desatento, (quando apresenta no mínimo seis sintomas dos nove característicos da desatenção), o predominante hiperativo/impulsivo (quando apresenta seis sintomas dos nove característicos da hiperatividade/impulsividade) e o combinado (quando aparecem no mínimo seis sintomas de cada uma das modalidades), sendo este último o que mais tem levado pessoas a clínicas e consultórios.

TIPOS	SINTOMAS
Desatento	Dificuldade em manter a atenção; Parece não ouvir; Dificuldade em seguir instruções; Dificuldade na organização; Evita/Não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado; Frequentemente perde os objetos necessários para uma atividade; Distrai-se com facilidade; Esquecimento das atividades diárias; Esquece rápido o que aprende.
Hiperativo/Impulsivo	Inquietação; Dificuldade de permanecer sentado; Corre sem destino ou sobe nas coisas excessivamente; Dificuldade de engajar-se numa atividade silenciosamente; Fala excessivamente; Responde a perguntas antes de serem formuladas por completo; Age como se fosse movido a motor; Dificuldade em esperar sua vez; Interrompe e se intromete.
	Baixa auto-estima; Sonolência diurna; Pavio curto; Necessidade de ler mais de uma vez para fixar o que leu; Dificuldade em levantar de manhã e se “ativar”

Outros Sintomas	para começar o dia; Adiamento crônico das coisas; Mudança de interesse o tempo todo; Intolerância a situações monótonas e repetitivas; Busca frequentemente por coisas estimulantes ou simplesmente diferentes; Variação frequente de humor.
-----------------	--

O TDAH acompanha o portador por toda a vida, apresentando seus sintomas desde muito cedo. Entretanto, conforme o caso diagnosticado, a criança pode levar uma vida relativamente “normal” através de tratamento com medicação, psicoterapia, psicopedagogia, alteração/adaptação de rotina e, em casos onde aparecem transtornos de linguagem, fonoaudiologia.

Para diagnosticar se a criança possui ou não do TDAH é necessário observá-la se a mesma apresenta sintomas em pelo menos dois ambientes. Ressaltando que, ela pode ser hiperativa/impulsiva, porém também poderá ter sintomas de desatenção e vice-versa. O que vai determinar o tipo de transtorno é o grau de predominância entre esses ou aqueles sintomas, uma vez que se encontram interligados em níveis diferentes de associação, variando de pessoa para pessoa. Os níveis de combinação entre esses dois grupos de sintomas (desatenção e hiperatividade/impulsividade) variam porque os indivíduos possuem informações genéticas distintas, vivem experiências diferentes e interagem em contextos sociais onde as demandas produzidas nem sempre são as mesmas ou se revelem antagônicas. Como diz Paulo Mattos,

o TDAH não dá em poste – como eu costumo dizer aos pacientes –, ‘dá em gente’, isto significa dizer que os portadores serão indivíduos com um determinado histórico pessoal, personalidades diferentes, estilos de vidas particulares, idiossincrasias, contextos familiares. (MATTOS, 2003, p.19)

Além disso, dependendo do estágio de desenvolvimento do transtorno e da maneira que ele se comporta no meio que a cerca, outros sintomas que não estão ligados aos critérios tradicionais do diagnóstico do tratamento podem aparecer (e aparecem), tais como a baixa-estima, a irritabilidade aparentemente sem causa, a mudança permanente de interesses e outros. Sintomas de desatenção também vêm associados, diferindo seu nível de combinação de pessoa para pessoa: dificuldades em se concentrar, esquecimento de coisas diárias e necessárias, dificuldades de organização, etc.

3. Crianças Hiperativas na Escola

Pode-se dizer, de uma maneira geral, que a escola é o primeiro macro-grupo social com que a criança mantém contato e se inter-relaciona depois do grupo familiar e suas vertentes (amigos da família, vizinhança, profissionais de saúde), entendendo-se “macro-grupo” menos pela quantidade de indivíduos que o integra e mais pelos seus aspectos qualitativos, ou seja, pelo impacto que causa sobre a formação da personalidade infantil, pois nesse campo onde a criança vai experimentar, pela primeira vez, o exercício de atividades sistematizadas que serão compartilhadas com um determinado número de pessoas diariamente, longe daqueles por quem nutre um sentimento primário de carinho e confiança.

No período pré-escolar, os sintomas de hiperatividade e desatenção podem não ser facilmente identificados pelo fato de as atividades serem mais dinâmicas, a atenção do professor ser mais individualizada e haver menos expectativa em relação ao desempenho de todos. (...) A partir da alfabetização, as crianças começam a participar de atividades que exigem atenção por um período maior e surgem novas exigências quanto ao comportamento. Começa a se exigir que a criança permaneça mais tempo sentada em sala de aula, o conteúdo didático é aprofundado e se torna necessária a responsabilidade com deveres de casa. (MATTOS, 2003, p.28)

A situação, então, inverte-se. As crianças com TDAH esperam que o atendimento mais individualizado e a quantidade menor de compromissos existentes na fase pré-escolar continue na alfabetização, mas o sistema convencional de ensino, ainda despreparado para lidar com os portadores desse transtorno, encontra-se voltado para iniciar um novo processo de amadurecimento com os seus alunos e, objetivando isso, aumenta o nível de exigências e de conteúdos desencadeando uma série de possíveis choques que provavelmente se transformarão em problemas na vida dos indivíduos com TDAH.

Essas crianças, na escola, são constantemente rotuladas de “alunos-problemas” não só por causarem prejuízos ao seu próprio desempenho, mas também por causarem prejuízos na ordem do conjunto da sala. Incapazes de se centrarem em atividades que demandem muito tempo ou em atividades que para elas são enfadonhas, ficam utilizando de artifícios para chamar a atenção e criar situações que lhes são interessantes em exíguos momentos.

Não compreendendo o que há de errado consigo nem sendo compreendido pelos outros, o aluno hiperativo se sente um ser à parte, estigmatizado pelos demais, uma pessoa de menor importância dentro do seu grupo social. Por isso, não é raro encontrar crianças com hiperatividade que, mesmo com pouquíssima idade, já apresenta sinais de auto-reprovação.

Ricky é um garoto de oito anos cujos pais, Richard e Danielle, tentaram ‘de tudo’ para que melhorasse seu desempenho na escola. Foi reprovado no primeiro ano e seus pais temiam que isso se repetisse antes de ele terminar o ensino médio. O barulhento Ricky é uma criança irritante e incansável que circula por sua casa ou sala de aula fazendo muitas coisas ao mesmo tempo sem, no entanto, permanecer o tempo suficiente para terminar qualquer uma delas. Na maioria dos dias, observa sua professora, ele fica alheio a seus deveres, agressivo, interrompendo as tarefas de outras crianças e suas brincadeiras. Por aparentemente bem poucos motivos, começou a empurrar outras crianças, arrancar delas objetos, brigar com seus colegas durante os recreios e sabotar os trabalhos de outros quando não está sendo supervisionado diretamente. Sua mãe acredita que a professora confia demais em punições e muito pouco em recompensas, atenção e assistência individualizadas, cuidados de que Ricky necessita. Pela primeira vez, seus pais experimentam dificuldades em levá-lo para a escola. Ele reclama de vagas dores pelo corpo que revelam com clareza suas intenções de permanecer em casa. Recentemente, mencionou odiar-se e desejar estar morto e, ainda, começou a referir-se a si mesmo como ‘estúpido’. (BARKLEY, 2002, p. 42)

Observando o caso de Ricky, não é difícil entender porque pessoas hiperativas se subestimam, tendem a sofrer de depressão e são mais propensas ao suicídio. A situação escolar é uma amostra considerável de uma situação mais geral.

4. Um Problema Não-Matemático na Matemática

A inquietude, a agitação exacerbada, a ausência de controle sobre os impulsos, o desinteresse permanente, a irritabilidade, a presença de alguns sintomas de desatenção e de outros secundários associados a todos os tipos de TDAH incidem negativamente sobre o aprendizado deles e transforma sua permanência na sala de aula e na escola numa tarefa hercúlea para os profissionais da educação e, principalmente, para esses alunos que se convertem em centros de atenção, atenção essa que os estigmatiza, os rotula e, mesmo que inconsciente, inferioriza-os e gera traumas que terão graves consequências futuras, prejudicando-os não só em seu meio educacional formal, mas em diversas esferas das suas vidas.

Esse aluno pode apresentar, ainda, fobias sociais como a aversão de ir ao quadro quando chamado pelo professor ou aversão a falar em público (na sala de aula, por exemplo) quando solicitado.

Se a Matemática se apresenta como um “bicho-papão” – mesmo em seu estágio primário – para a maioria dos alunos devido ao seu relevante grau de abstração e por possuir uma linguagem bastante peculiar, essa dificuldade se encontra potencialmente acentuada para os hiperativos por todos os problemas anteriores levantados. Entretanto, esses problemas não estão especificamente relacionados com a Matemática (exceto no caso

da discalculia, que é definido como uma desordem neurológica específica que afeta a habilidade de uma pessoa de compreender e manipular números), mas relacionados com a totalidade dos aspectos envolvidos no aprendizado.

5. A Necessidade de um Novo Enfoque e uma Nova Prática

Nossos professores em sua grande maioria sequer sabem da existência do TDAH e dos problemas acarretados por ele. Para muitos que ouvirem falar do transtorno é provável que o considere uma desculpa para minimizar os prejuízos causados por alunos indisciplinados que não recebem uma boa educação dos pais.

O essencial para que esses professores tenham sucesso com alunos hiperativos, ou seja, que apresentam problemas de comportamento e de aprendizagem é: um trabalho escolar acerca das dificuldades desses alunos, aliado ao trabalho de profissionais da saúde e uma medicação específica para cada caso apresentado; caso contrário, é bem provável que a criança não tenha êxito. Estando um aluno hiperativo aos cuidados de um psicopedagogo ou um psiquiatra, cabe à escola desempenhar a sua função de educar respeitando as diferenças e as peculiaridades de cada indivíduo de seu quadro discente.

A escola pode fazer uma adequação de sua didática, de suas normas e de seus profissionais a essa realidade. A rotina escolar tem que ser previsível, as regras de conduta bem definidas e os objetivos previamente estabelecidos. O professor deve manter contato físico aproximado com o aluno, expressar-se clara e concisamente, utilizar recursos visuais (vídeos, slides, etc.), saber como melhor utilizar o material didático, bem como melhor trabalhar o conteúdo estabelecido, e conseqüentemente, como uma quebra de rotina estabelecida que significará, implicitamente, uma quebra do acordo firmado entre o pretendido pela escola e pelo professor e o que espera do aluno. Tudo isso deve ser realizado objetivando prender a atenção do aluno. Esse mesmo professor tem que ter um profundo respeito pelos hiperativos, inteirando-se de suas dificuldades, discutindo com eles as melhores maneiras de superá-las, buscando modifica-lo gradualmente – é imprescindível evitar choques abruptos – a partir do estabelecimento de metas que sejam substituídas logo após serem alcançadas, bem como buscando o equilíbrio permanente entre o cumprimento das regras e a flexibilidade do comportamento.

6. A Matemática e o Lúdico

A Matemática é a ciência exata. Essa compreensão dominante faz com que a Matemática seja considerada uma forma de conhecimento voltada, *a priori*, para os mais dotados intelectualmente, ou seja, para os gênios que são os únicos capazes de decifrar as páginas do seu “grande livro”. O grau de abstração existente nesse tipo de conhecimento que vem fortalecer a aura “aristocrática” que a rodeia, ao mesmo tempo contribuindo para fortalecer a admiração que as pessoas lhe conferem e, contraditoriamente, o distanciamento que essas mesmas pessoas assumem diante desse mundo de números, fórmulas e cálculos. A Matemática se utiliza, pois, preponderantemente, aos olhos dos não-matemáticos, de uma roupagem que exalta sua condição intransponível majestática. Ela é admirada por possuir grandeza de abstração, mas odiada por possuir idêntico grau de inacessibilidade. Podemos dizer que a Matemática é algo simplesmente “chato”. O problema, entretanto, não é a Matemática em si, mas a abordagem que fazemos dela.

Do outro lado se encontra a ludicidade, os sentidos prazerosos da vida pelos quais podemos confortavelmente entrar em contato com as distintas realidades do nosso mundo. As brincadeiras, manifestações espontâneas de tudo o que é lúdico, assumem, desde os primeiros anos da nossa existência, a tarefa de nos colocar em contato com os fatos e os objetos reais que nos rodeiam, convidando-nos a conhecê-los através de uma observação presente e participativa.

Brincar é simplesmente viver com prazer e alegria. Jogar é estender essa brincadeira a um contexto mais amplo, colocando o indivíduo em contato com o coletivo e com suas regras que se estabelecem nesse convívio social. A brincadeira e o jogo surgem da própria necessidade que temos de alcançar o desenvolvimento cognitivo das crianças, esse grau de satisfação e de sociabilidade, já que o homem, instintivamente, é um ser social.

Em outras palavras, a criança brinca e joga simplesmente por uma necessidade imperiosa de nossa evolução que encontra no lúdico uma ferramenta capaz de aprimorar as nossas capacidades individuais e coletivas.

Diversos estudiosos como Sigmund Freud, Henri Wallon, Caillois, Vygotsky e Jean Piaget, entre outros, defendem as brincadeiras e os jogos como eficazes instrumentos pedagógicos. Para Freud, canalizam a energia (libido) das crianças construindo “processos de sublimação saudáveis e identificadores”, propiciando “o afeto e a sociabilidade, dando voz aos sonhos infantis” (ANTUNES, 2003, p. 18). Para Caillois, motivam ao mesmo tempo em que estimulam a concentração. Para Vygotsky, o desejo de brincar ajuda a desenvolver a linguagem e os significados e sem ele “seria muito mais áspera a

transposição entre os significados e os recursos significantes” (ANTUNES, 2003, p. 19).

Para Antunes,

a criança que brinca está desenvolvendo sua linguagem oral, seu pensamento associativo, suas habilidades auditivas e sociais, construindo conceitos de relações espaciais e se apropriando de relações de conservação, classificação, seriação, aptidões visuo-espaciais e muitas outras. (2003, p. 19)

Por que, não utilizar os jogos como instrumentos pedagógicos uma vez que os mesmos podem: motivar, ajudar na concentração, gerar afeto e sociabilidade, estimular a compreensão dos significados, desenvolver as percepções auditivas e visuais, contribuir para o alicerce da linguagem e para o desenvolvimento do raciocínio abstrato?

Um jogo por si só, é só um jogo, mas quando lhe atribuem um objetivo específico e esse objetivo consiste em atingir um fim pedagógico como, por exemplo, levar a criança a compreender o significado do respeito entre as outras, ele, então, adquire um sentido maior, que é contribuir sistematicamente para o desenvolvimento dos seus jogadores.

Outro aspecto fundamental que se deve levar em consideração em relação ao jogo é que seu caráter é definido não por sua natureza, mas por suas regras que permitem a relação entre os jogadores e a relação destes com o ambiente em que se joga, da mesma forma que é através das regras que estabelecemos o nosso convívio social e a relação que temos com o nosso mundo. Regras boas estimulam bons procedimento e resultados satisfatórios. Nesse sentido, evoca-se novamente a imprescindibilidade do professor, pois cabe a ele,

imprimir caráter às regras (...) Um verdadeiro educador não entende as regras de um jogo apenas como elementos que o tornam possível, mas como verdadeira lição de ética e moral que, se bem trabalhadas, ensinarão a viver e, portanto, efetivamente educarão. (ANTUNES, 2003, p. 13)

É tarefa do jogo em grupo, tirar a criança do seu mundo ensimesmado fazendo-a interagir, com regras abordadas com seus próximos. Seu eixo de pensamento, nessa atividade, desloca-se da compreensão de si para a compreensão dos outros, tornando-se menos subjetivos porque transforma o compreender em elemento de leitura coletiva. Essa combinação entre o lúdico e a necessidade de regras existente no jogo é de fundamental importância para a educação dos hiperativos, uma vez que uma das características dos portadores de TDAH é justamente a sua contrariedade em seguir regras.

As crianças sentem muito mais interesse por atividades físicas do que por atividades passivas. Assim, para elas, jogar é muito mais estimulante do que assistir TV.

O jogar é uma atividade que não encontrará resistência da criança com TDAH; ao contrário, encontrará espontânea e viva adesão e a colocará em contato direto com um certo número de normas que se apresentarão confortavelmente em um ambiente e em uma situação distinta daqueles vividos por ele cotidianamente.

Nessa perspectiva vale ressaltar que o professor é o instrumento de mediação que vai fazer do jogo uma atividade realmente pedagógica e que, sem sua atuação consciente e consistente, isso não acontecerá, por mais bem intencionada que o mesmo esteja bem como sua instituição de ensino, pois

a boa escola não é necessariamente aquela que possui uma quantidade enorme de caríssimos jogos eletrônicos ou jogos ditos educativos, mas que disponha de uma equipe de educadores que saibam utilizar a reflexão que o jogo desperta, saibam fazer de simples objetos naturais uma oportunidade de descoberta e exploração imaginativa. Uma caixa de fósforo, uma lupa e uma fita métrica em mãos de uma verdadeira educadora infantil valem bem mais que uma fantástica coleção de brinquedos eletrônicos que emitem luzes e sons e que, por se apresentarem perfeitos demais roubam espaço à imaginação. (ANTUNES, 2003, p. 31)

Hoje, procura-se discutir cada vez mais que não existe oposição entre aprender e brincar, muito embora o discurso que muitas escolas realizam nesse sentido não encontre eco em suas ações. O aluno que não aprendia por repetição exaustiva era pelo fato de ser incapaz, portanto, merecedor de reprovação.

7. A Pesquisa

O desenvolvimento desse trabalho baseou-se no estudo de caso, realizado durante dois meses com duas crianças de oito anos, ambas do sexo masculino e mesmo ano – 3º ano do Ensino Fundamental I –, portadoras de TDAH. O propósito foi melhorar a concentração e a aprendizagem no tocante ao ensino da Matemática, com a utilização de jogos.

No decorrer do nosso trabalho chamamos G.M.H.B. de Luiz e S.O.A de Artur, nomes fictícios para preservar suas identidades.

Foram realizadas dezesseis oficinas, havendo antes um encontro com os pais das crianças, onde tivemos a oportunidade de adquirir informações sobre eles e sobre, as dificuldades de cada um em relação à Matemática, além da falta de concentração.

Planejamos as oficinas partindo das dificuldades apresentadas pelas crianças, por este motivo cada uma teve um plano específico.

Oficinas:

Primeira Oficina: Foi feito o reconhecimento da sala, observando a reação das crianças diante de uma grande variedade de jogos. Conversamos com as crianças sobre o que faríamos nesses dois meses.

Segunda Oficina: Jogos envolvendo contagem e sistema de numeração decimal.

Jogo: Caixa da Sorte com Palitos.

Terceira Oficina: História da matemática e sequência numérica ordenada e desordenada.

Jogo: Tira Numérica

Quarta Oficina: Operações numéricas e raciocínio.

Jogo: Jogo de Perguntas – Trilha Colorida

Quinta oficina: Geometria

Jogo: Construindo Mosaico

Sexta e Sétima Oficinas: Operações, conjunto e sistema de numeração posicional.

Jogo: Conta e Reconta

Oitava e Nona Oficinas: Operações, conjunto e posições (horizontal, vertical e diagonal)

Jogo de Formas/Dados e Jogo das Dezenas

Décima Oficina: Operações e geometria.

Jogo: Jogo de Formas/Dados e Jogo das Dezenas.

Décima Primeira: Operações e símbolos

Jogo: Cubra o Número, Jogo das Argolas e Jogo da Adição.

Décima Segunda e Décima Terceira Oficina: Geometria, sequência e conjunto.

Jogo: Mosaico e Paciência em Cores.

Décima Quarta Oficina: Conjunto e geometria.

Jogo: Quebra-Cabeça “Tangram”.

Décima Quinta e Décima Sexta Oficina: Geometria e criatividade.

Jogo: Origami.

Nas oficinas não abordamos apenas aspectos voltados para Matemática, mas também para o seu convívio social, como a socialização, cooperação, concentração, memória, escrita, planejamento de estratégia, coordenação motora fina, visualização espacial, lateralidade, além da paciência e agilidade de raciocínio.

8. Resultados da Pesquisa

Os resultados obtidos foram bem específicos de cada criança, de tal modo que iremos abordá-los separadamente.

Com o passar das oficinas, Luiz obteve vários avanços. Pudemos observá-lo fazendo alguns cálculos mentalmente, observando a situação antes de agir, compreendendo as regras do jogo, planejando as ações e melhorou sua concentração, o controle motor, a sequência, o comportamento afetivo, além de outros aspectos abordados. Em relação aos conteúdos matemáticos avançou no cálculo mental, nas operações aritméticas escritas, nos conceitos de geometria, no sistema de numeração decimal, dentre outros pontos trabalhados. No início Luiz estava com dificuldades em multiplicar, e assim ele desistia muito facilmente das atividades. Mas, avançou no conteúdo, conseguindo resolver alguns problemas. E, agora insiste mais um pouco. Porém na interpretação de situações ainda possui dificuldades. Desenvolveu paciência nas situações. Apresenta uma melhor concentração.

No decorrer das oficinas Artur cresceu bastante no que diz respeito a agilidade de raciocínio, ao comportamento afetivo (sempre que preciso, era ouvido com muita atenção, além de ser respeitado e de receber muito carinho), ao planejamento de estratégias, a concentração, o controle motor, a sequência, além de outros aspectos abordados. Avançou consideravelmente no cálculo mental. Compreendeu melhor os conceitos de geometria. Nas operações aritméticas já organiza as “continhas”.

Artur obteve um desenvolvimento cognitivo satisfatório. Está compreendendo bem os conteúdos, sem maiores dificuldades. Quando foi solicitado para resolver alguma operação, resolveu sem tantas dificuldades. E, às vezes, procurava resolver mentalmente, onde no início foi muito complicado para ele fazer. Em relação ao comportamento afetivo dispersa-se, algumas vezes, buscando conversar sobre outros assuntos e se desconcentrando. Mas, no geral, houve uma mudança no seu convívio, como a forma de falar com as pessoas.

O resultado foi satisfatório para, nós bem como para a escola e a família em termos de conteúdo e comportamento.

9. Resultado Final

Toda criança, assim como o adulto tem suas limitações. Daí a criança tem o seu tempo e o seu limite. E, os portadores de TDAH não são diferentes, porque possuem um problema. E quem de nós não tem problemas? Eles não são mais ou menos inteligentes por isso. Pelo contrário “a grande maioria das crianças e adolescentes com este problema têm inteligência na faixa normal para sua idade e tentam esforçar-se ao máximo para prestar atenção e parar quietas”. (ROHDE e BENCZIK, 1999, p. 45)

Aí entra o papel da escola. Na maioria das vezes a escola se torna um agravante para essas crianças, devido a não preparação de professores para receberem crianças com tais dificuldades, ou porque não possuem uma proposta adequada. As atividades propostas são as mesmas para todos, mas o portador de TDAH, por exemplo, não consegue compreender enunciados grandes ou compreender conteúdos extensos. Numa prova, muitas vezes, não conseguem concluir, estão sempre com pressa, não leem o enunciado como deveria, talvez não tenha interpretado bem ou esquecem algum número ou letra.

É devido a estes e outros aspectos que as escolas deveriam procurar subsídios para trabalharem com crianças com TDAH. É preciso ler, pesquisar, conversar com pessoas especialistas no assunto, pais de portadores, e buscar métodos em que o aluno possa se interessar e buscar sempre mais conhecimento.

Se os nossos alunos com TDAH fossem trabalhados adequadamente, com certeza apresentariam um bom desempenho cognitivo, lembrando que as atividades que mexem com o raciocínio, com o corpo devem ser lúdicas.

Ah! Se nossos professores realmente fizessem de tudo por essas crianças, eles não cresceriam com tantas dificuldades. Apesar de que em muitos casos o TDAH não vem sozinho.

Durante o acompanhamento feito com Luiz e Artur, chegamos à conclusão que, realmente possuem o tempo, o limite e a maneira certa de ensinar e aprender. A escola considera que eles tiveram um avanço relevante, percebido não apenas pelos professores, mas pela coordenação. Foram admiráveis os questionamentos, o planejamento de ações, as observações, as perguntas propostas por eles e a evolução.

10. Agradecimentos

Às crianças com as quais trabalhamos que nos permitiram invadir o seu mundo, e pela experiência compartilhada durante este trabalho. E, em especial à Maria Luísa, motivo maior da realização deste trabalho.

11. Referências

ANTUNES, Celso. **O Jogo e a Educação Infantil**: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir. 2ª ed. Fascículo 15. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BARLEY, Russell A. **Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH)**: guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais de saúde. Trad. Luís Sérgio Roizman. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MATTOS, Paulo. **No Mundo da Lua**: Perguntas e respostas sobre o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos. - 4ª ed.. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.

ROHDE, Luis Augusto P. e BENCZIK. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**: O que é? Como ajudar?. Porto Alegre: Artmed, 1999.